

# Déficit de vagas é preocupante

Além de muitas escolas da Fundação Educacional estarem em péssimo estado de conservação, elas já não comportam mais o número de alunos que as procuram por vagas. Faltam salas de aula e professores, tanto nas escolas das satélites como nas do Plano Piloto. Há um déficit enorme de professores; enquanto que alguns concursados e aprovados em 1982 até hoje não foram chamados.

Os que lecionam estão descontentes e ameaçam greve geral a partir do dia 5 próximo, caso suas reivindicações (a principal delas concessão do IP-CA integral de 105,48 por cento de aumento) não sejam atendidas. A professora Marisa Vasconcelos, carioca de Petrópolis, tem 22 anos de carreira. Possui curso de mestrado na Universidade de Brasília e outros dois de especialização na UnB e UFMG. Ela ganha atualmente

Cz\$ 7 mil e 900 dando 40 horas de aulas semanais.

Além do salário minguado para quem tem tanto tempo de carreira e cursos de aperfeiçoamento, ela está decepcionada com as condições e oferecidas para dar aulas na Escola Normal de Brasília. "Falta papel, estencil e até tinta para mimeógrafo. Há até 45 alunos numa só sala de aula quando no máximo deveriam ter 25", ressalta. Marisa também leciona em outra escola da FEDF para alunos de supletivo.

Segundo ela, o nível de alguns destes alunos é baixíssimo. "Tem aluno do supletivo que não sabe ler nem goiaba", afirma.

Ainda sobre a Escola Normal de Brasília, mesmo em época de matrícula é difícil encontrar vagas lá. Todas as turmas estão sobrecarregadas de alunos. As da 1ª à 4ª séries têm em média

40 alunos, segundo a professora Márcia Alves Ferreira. Ela ressalta que os estudantes do pré-escolar acabam sendo os mais prejudicados, pois estão começando a estudar e o nível de aprendizagem cai muito.

Márcia explica ainda que na Escola Normal de Brasília, existem professoras de português lecionando no 3º ano do curso normal para até nove turmas, ou seja, 400 alunos.

Além da falta de professores em muitas escolas, elas necessitam de um maior número de servidores. Muitas vezes quem "quebra o galho" dos alunos dando aulas ou limpando o chão são as diretoras, como as das escolas Varjão e da 411 Norte. Ainda para amenizar o problema de falta de professores e de salas de aulas, algumas escolas têm quatro turnos, cada um com duração máxima de três horas.